



LEITURAS DA CIDADE

LIZIANE ALDRIGHI LEMOS¹; JÉFERSON LUÍS DIAS DA SILVA²; CLÁUDIA
MARIZA MATTOS BRANDÃO³

Universidade Federal de Pelotas – lizialdrighilemos@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – emaildejeferson@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido analisa os resultados da atividade de ensino proposta pela professora Claudia Mariza Mattos Brandão na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais I, tendo como objetivo discutir os resultados obtidos a partir da observância dos percursos individuais realizados pelos estudantes do curso de Artes Visuais licenciatura, ingressantes no 1º semestre do ano de 2017, para chegar ao prédio do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. O intuito estava em provocar o aguçamento visual dos acadêmicos/transeuntes, para a observação dos seus caminhos cotidianos e suas relações com o espaço urbano.

A investigação se baseia nos relatos e registros fotográficos pessoais de cada participante, dispondo da sua sensibilidade particular, ora por estar embasada por uma carga poética a respeito das escolhas, ora pela mera ampliação visual do entorno revendo com olhos atentos o que anteriormente já havia sido visto, ou até então, não.

Tendo a cidade como objeto de estudo, por nela conter os mais variados núcleos de contextos sociais, e considerando as disparidades econômicas vigentes na terceira maior cidade do Estado, em cujo reflexo é notável a relação entre as áreas urbanas centrais e periféricas, onde ambas configuram-se em espaços de convivência com direito ao livre acesso por parte de todos os cidadãos. Com isso capturaram-se tanto as singularidades quanto as pluralidades do indivíduo social e de seu contexto, pois:

A disputa pelo direito à cidade, acirrada pela inclusão e potência dos novos atores oriundos de territórios populares, fazem do espaço urbano um palco de afirmação de identidades urbanas que redefinem e compartilham os espaços de sociabilidades. (Arte urbana e a (re)construção do imaginário da cidade, 2015, p.7)

Jamais ignorando a realidade das periferias, porém dando ênfase a área central, foi onde se percebeu a reação causada pela ação do oprimido ao se apropriar de fachadas públicas e particulares por meio do pixo. E isso resultou no incômodo de alguns participantes ao julgarem vandalismo as manifestações de vozes constantemente silenciadas, e estas, notadamente compostas por uma esmagadora maioria que vive à margem da sociedade. Tal comportamento inferioriza o indivíduo a partir de uma classificação por classes pré-estabelecidas, com a finalidade de estereotipar o cidadão brasileiro para além da pobreza, considerando-o, mesmo que de forma velada por parte de outros cidadãos, seres marginais que estão além do significado do vocábulo presente nos dicionários de língua portuguesa.

Em contrapartida temos uma melhor aceitação das pinturas contemporâneas realizadas nos muros, os *graffiti*, possivelmente por esses terem um maior apuro estético na comparação com as pixações, ao cuidado do



acabamento, à combinação das cores, a predominância do figurativo em suas composições, dentre outras variantes. E essas podem justificar a sua maior aceitabilidade social nas cidades contemporâneas, cujos espaços de convivência em grande parte são predominantemente constituídos pela massa pesada e cinza das construções arquitetônicas:

Por sua vez, em seus diferentes formatos, o graffiti urbano contemporâneo subverte os suportes da cidade, transformando pilares de viadutos em murais, empenas cegas em paredes de formas e cores visíveis, muros que separam em painéis de comunicação, mobiliário e equipamentos urbanos em telas pictóricas (KNAUSS, 2015, p.40-41).

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, caracterizada como estudo de acaso, cujos procedimentos metodológicos incluíram: realização de leituras sobre o tema Cidade, levantamento das escolhas, tabulação das respostas e análise dos resultados. Dentre as respostas à atividade, observou-se uma predominância das escolhas pelas escritas urbanas: 19 pixos e 23 *graffiti*, dentre outros registros que não obtiveram tanta representatividade nas 140 imagens registradas por 43 acadêmicos.

Textos de apoio foram utilizados para dialogar com a problemática encontrada nos dados analisados, de forma que sustentassem a dicotomia exposta entre pixação e *graffiti* enquanto manifestações de caráter artístico. Como dito pelo autor de “Poesia revoltada”, Écio Salles (2015, p. 22):

A cidade, apesar de sua alma encantadora, é cheia de armadilhas e interdições. Muitas delas têm a ver diretamente com recortes sociais, raciais, de gênero, etários e geográficos, entre outros. Com o agravamento da questão da violência urbana nos últimos anos, esses recortes desdobram-se em visões dicotômicas, limitadas e limitadoras sobre a cidade – “cidade partida”, “favela e asfalto”, “lado A e lado B”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado alcançado com o levantamento demonstrou a predominância de justificativas embasadas no gosto pessoal na análise das escritas urbanas, algumas caracterizadas pelo destaque à beleza das formas, no que se refere aos *graffiti*. Verificamos que o pixo ainda mantém atrelado a si uma imagem vinculada ao vandalismo, justificada por poluir visualmente as edificações e não respeitar o patrimônio público, inclusive, aqueles considerados patrimônio histórico. Entretanto, essas manifestações expressivas têm ganhado visibilidade através das suas escritas de denúncias sociais e lutas das minorias oprimidas. Destaca-se nesse grupo o pixo feminista da mulher empoderada e autossuficiente, que busca seu reconhecimento dentro da sociedade, assim como o pixo de gênero que exige respeito para com as identidades e as diferenças, dentre tantos outros que se configuram como atos políticos de se fazer ouvir a voz dos silenciados.

As análises mostraram que a justificativa para a escolha da pixação se dá devido a sua força de expressão, a qual se comunica, rebela e questiona questões sociais que se refletem através de denúncias quanto às problemáticas existentes e recorrentes da sociedade. “A pixação, mesmo que considerada vandalismo ou arte marginal, tem grande força de expressão. Ela comunica, se rebela, questiona, e até mesmo se declara com afeto a algum destinatário

específico ou a todos em geral”, justifica a acadêmica Liziane Aldrighi Lemos (Figura 1). Sobre a mesma temática o acadêmico Wesley Padilha Blanke assim justificou: “As paredes do antigo Campus II da UCPel transbordam mensagens. Essa ferramenta de expressão pura e extremamente forte”.



Figura 1: **Liziane Aldrighi Lemos**, fotografia, 2017.

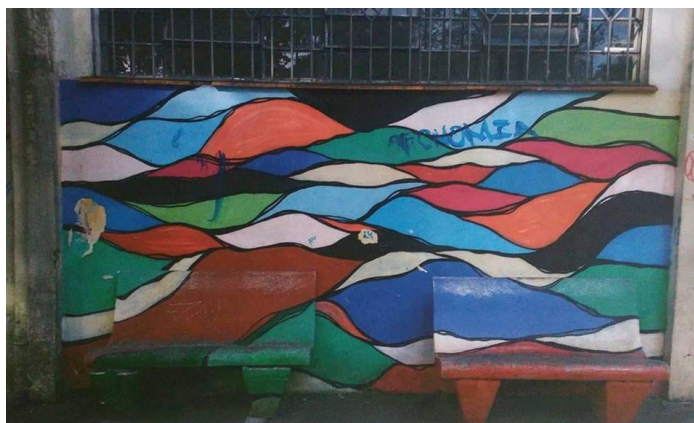


Figura 2: **Roger Ramos Brochado**, fotografia, 2017.

Diferente da pixação, o *graffiti* (Figura 2) resulta em uma expressão que muitas vezes se apropria de ambientes anteriormente desprovidos de cores, transformando-os em locais convidativos e acolhedores: “Os bancos de pedra que antes eram sem cor e agora estão pintados, coloridos e cheios de vida onde interagimos com colegas e funcionários”, argumenta o acadêmico Roger Ramos Brochado. Sobre a mesma temática a acadêmica Cleusa Ferreira assim justificou: “É um muro grafitado, que paro sempre na frente ao chegar na faculdade, acho ele lindo com suas cores vibrantes e alegres.”

4. CONCLUSÕES

A análise do material resultante da proposta nos permite afirmar que existe uma identificação dos acadêmicos ingressantes em 2017 com as formas das escritas urbanas no balizamento de seus trajetos cotidianos. Possivelmente, a



escolha pelo pixo seja devido às suas mensagens reivindicatórias, registros anônimos daqueles que se sentem socialmente excluídos, cujos conteúdos se comunicam diretamente com os receptores. Já a maioria das escolhas pelo *graffiti* revela uma predileção pelas questões estéticas sustentadas por justificativas que destacam a beleza das formas. Entretanto, cabe aqui destacar que foi possível também verificar que a relação que se estabelece entre o transeunte a cidade vai além da percepção visual, num contato que é preenchido pela memória, como no caso relatado pela acadêmica Ariadne Silveira Terra:

Trago a ponte do prolongamento porque é uma paisagem muito linda, tenho várias fotos dali, mas é muito bom de se ver de dentro de um carro ou de um ônibus, com os vidros bem fechados, pois fede, é uma água muito poluída, não sei o que deságua ali, se é esgoto ou se foi poluído com o passar dos anos. Há pessoas que moram ali na beira, eu me pergunto se essas pessoas tem condições de ir para escola, se elas querem ou pensam em estudar.

Concluimos que a percepção de cada um do grupo investigado sobre o espaço urbano envolve fatores subjetivos, que em sua maioria privilegiaram as marcas expressivas das escritas urbanas, sem, entretanto, ignorar questões pertinentes à cidadania.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMIR, A.H. Introdução de Arte Urbana e a (re)construção do Imaginário da Cidade. In: **Arte Urbana e a (re)construção do imaginário da cidade**. Rio de Janeiro: 2015. Cap introdutório, p. 7 – 7.

SALLES, E.S. A literatura como ferramenta de reinvenção da cidade. In: **Arte Urbana e a (re)construção do imaginário da cidade**. Rio de Janeiro: 2015. Cap.1, p. 20 – 27.

KNAUSS, P.K. Arte Pública: a cidade como experiência. In: **Arte Urbana e a (re)construção do Imaginário da Cidade**. Rio de Janeiro: 2015. Cap.4, p. 36 – 43.

Cidade Cinza. Sala 12 Filmes e Motion, São Paulo 22 de nov. 2013. Acessado em 1 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svFLNSQevag&t=2s>